

UM DOS MAIORES FENÔMENOS
EDITORIAIS DO JAPÃO



TREM-



-BALA

KOTARO ISAKA

KOTARO ISAKA

TREM- -BALA

Tradução de André Czarnobai



Copyright © 2010 Kotaro Isaka / CTB Inc.

Todos os direitos reservados.

Publicado originalmente em japonês como *Maria Beetle*. Direitos de tradução para o português adquiridos mediante acordo com a CTB Inc.

TÍTULO ORIGINAL

Maria Beetle

PREPARAÇÃO

Carolina Vaz
Stella Carneiro

REVISÃO

Cristiane Pacanowski | Pipa Conteúdos Editoriais
Mariana Gonçalves

FOTO DE CAPA

Shutterstock

DESIGN DE CAPA

Dan Mogford

ADAPTAÇÃO DE CAPA E DIAGRAMAÇÃO

Henrique Diniz

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

I74t

Isaka, Kotaro, 1971-
Trem-bala / Kotaro Isaka ; tradução André Czarnobai. - 1. ed. - Rio de Janeiro :
Intrínseca, 2022.
464 p. ; 23 cm.

Tradução de: Maria beetle
ISBN 978-65-5560-494-8

1. Contos americanos. I. Raposo, Alexandre. II. Título.

21-75170

CDD: 895.63

CDU: 82-3(520)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

17/12/2021 21/12/2021

[2022]

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Intrínseca Ltda.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 6º andar
22451-041 — Gávea
Rio de Janeiro — RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

KIMURA



A ESTAÇÃO DE TÓQUIO ESTÁ ABARROTADA. Já faz algum tempo desde a última vez em que Yuichi Kimura esteve aqui, então ele não tem certeza se ela está sempre lotada desse jeito. Se alguém lhe dissesse que havia algum evento especial acontecendo, ele acreditaria. As turbas que vêm e vão o empurram, fazendo-o se lembrar do programa de TV a que assistiu com Wataru, um sobre pinguins, todos amontoados, coladinhos. *Pelo menos os pinguins têm uma desculpa*, pensa Kimura. *Faz muito frio onde eles moram*.

Ele espera por uma brecha na torrente de pessoas e corta caminho por entre as lojas de suvenires e quiosques, apertando o passo.

Após subir um lance curto de escadas, Kimura chega à catraca do trem-bala, o Shinkansen. Ele fica tenso assim que cruza o portão da bilheteria automatizada, imaginando que, de alguma forma, ela possa detectar a pistola no bolso do seu casaco e prendê-lo ali enquanto os seguranças o cercam, mas nada disso acontece. Ele diminui o passo e olha para o painel, para conferir a plataforma do seu trem, o Hayate. Um policial uniformizado está de guarda, mas o tira aparentemente não presta a menor atenção nele.

Um menino que parece ter uns oito ou nove anos com uma mochila nas costas esbarra em Kimura. Ele sente um aperto no peito ao pensar em Wataru. Ele imagina seu filho lindo, deitado inconsciente e imóvel numa cama de hospital. A mãe de Kimura berrou quando o viu. “Olhe

pra ele, parece que está só dormindo, como se nada tivesse acontecido. Como se ele estivesse ouvindo tudo o que estamos dizendo. Isso é demais pra mim.” Pensar naquilo faz Kimura sentir-se estraçalhado por dentro.

Esse filho da puta vai pagar. Quando alguém pode empurrar um menino de seis anos do telhado de uma loja e seguir andando livre e ileso por aí é porque tem alguma coisa muito errada com o mundo. Kimura sente o peito apertar novamente, não de tristeza, mas de raiva. Ele avança depressa em direção à escada rolante segurando com força um saco de papel. *Eu parei de beber. Eu consigo andar em linha reta. Minhas mãos estão firmes.*

O Hayate já está na plataforma, esperando sua vez de partir. Kimura vai disputando espaço com a multidão até o trem e embarca na primeira porta que vê, no terceiro vagão. De acordo com as informações que levantou com seus antigos contatos, seu alvo está sentado no lado dos assentos para três pessoas, na quinta fileira do sétimo vagão. Ele vai entrar no vagão de trás e atacá-lo sorrateiramente pelas costas. Tranquilo, bem objetivo e alerta.

Ele segue até o espaço que conecta os vagões. Há um recuo com uma pia à esquerda, e ele para em frente ao espelho. Fecha a cortina que separa o pequeno lavabo do restante do trem. Então, olha para o seu reflexo. Cabelo desgrenhado, remela no canto dos olhos. Fios do bigode apontando para todos os lados. Até sua barba de três dias parece malcuidada. Um verdadeiro farrapo. Não é fácil se ver daquele jeito. Ele lava as mãos, esfregando-as debaixo d’água até que a torneira automática se fecha. Seus dedos tremem. *Isso não é a bebida, é só o nervosismo,* ele diz a si mesmo.

Ele não usava a arma desde que Wataru havia nascido. Mal tocou nela enquanto se preparava para essa missão. Agora, está feliz por não a ter jogado fora. Uma arma vem bem a calhar quando você quer dar um susto em alguém, quando precisa deixar bem claro que algum idiota passou muito dos limites.

A face no espelho se retorce. Rachaduras partem o vidro, a superfície se incha e se deforma, e um sorriso sarcástico se esculpe em seu rosto.

— O que passou, passou — diz seu reflexo. — Você vai dar conta de puxar o gatilho? Você não passa de um bêbado que não conseguiu proteger nem o próprio filho.

- Eu parei de beber.
- Seu filho está no hospital.
- Eu vou pegar o filho da puta.
- Você vai conseguir perdôá-lo?

A bolha de emoção dentro de sua cabeça não faz mais nenhum sentido e, portanto, explode.

Ele enfia a mão no bolso do casaco esportivo preto e puxa a arma de lá, depois tira um objeto fino e cilíndrico de dentro do saco de papel. Ele encaixa o silenciador e o rosqueia até o final. Aquilo não vai eliminar completamente o barulho do tiro, mas, numa .22 como essa, vai abafá-lo e deixar parecendo um *puf*, mais fraco que o som de uma arminha de brinquedo.

Ele se olha mais uma vez no espelho, assente, coloca a arma dentro do saco de papel e se afasta da pia.

Uma atendente está preparando o carrinho de lanches, e ele quase a atropela. Kimura abre a boca para gritar “Sai da frente!”, mas seus olhos encontram as latinhas de cerveja e ele prontamente bate em retirada.

“Lembre-se, um gole e acabou.” As palavras do pai vêm à sua mente. “O alcoolismo nunca desaparece de verdade. Basta um gole para começar tudo de novo.”

Ele entra no quarto vagon e segue pelo corredor. Um homem sentado à sua esquerda está ajeitando as pernas e esbarra em Kimura quando ele passa. A arma está segura dentro do saco de papel, porém está maior do que o normal por causa do silenciador, e bate contra as pernas do homem. Kimura puxa rapidamente o saco para perto de si.

Seus nervos se tensionam, e ele sente uma onda de adrenalina. Vira-se para o homem — expressão amigável, óculos de armação preta, inclinando a cabeça timidamente ao pedir desculpas. Kimura estala a língua, dá as costas e está prestes a seguir em frente quando o senhor amigável lhe diz:

- Ei, seu saco está rasgado.

Kimura para e olha. É verdade, tem um rasgo no saco, mas não há nada saindo por ele que possa ser facilmente identificado como uma arma.

- Cuide da sua vida — resmunga ele, enquanto vai se afastando.

Ele deixa o quarto vagão e começa a ganhar velocidade enquanto cruza o quinto e o sexto.

Certa vez, quando ainda estava acordado, Wataru perguntou: “Por que o vagão número um do Shinkansen é o que fica por último?”

A mãe de Kimura respondeu: “Porque o vagão que estiver mais próximo de Tóquio é o número um.”

“Por que, papai?”

“O vagão mais próximo de Tóquio é considerado o primeiro vagão, o vagão seguinte é o segundo. Então, quando pegamos o trem para a cidade onde o papai cresceu, o vagão número um é o que fica por último, mas quando voltamos para Tóquio, o número um é o que vai na frente.”

“Quando o Shinkansen viaja na direção de Tóquio, dizem que ele está subindo, e os trens que deixam a cidade estão descendo”, acrescentou o pai de Kimura. “Tóquio sempre é o centro de tudo.”

“Vovô, vovó, então vocês sempre sobem pra nos visitar!”

“Bom, nós queremos ver vocês, por isso viemos. Subimos o morro a toda velocidade!”

“Mas não são vocês quem sobem, é o Shinkansen!”

O pai de Kimura, olhou para o filho.

“O Wataru é uma graça. Difícil acreditar que é seu filho.”

“As pessoas me perguntam o tempo todo ‘Quem é o pai?’”

Os pais dele ignoraram o comentário azedo e saíram tagarelando animadamente:

“Vai ver as coisas boas pularam uma geração!”

Ele entra no sétimo vagão. À esquerda do corredor há fileiras de assentos para duas pessoas e, à direita, assentos para três, todos virados para a frente, de costas para Kimura. Ele enfia a mão dentro do saco, envolve a coronha da arma e então começa a andar, contando as fileiras.

Há mais assentos vazios do que ele esperava, meia dúzia de passageiros espalhados. Na quinta fileira, ao lado da janela, ele vê a parte de trás da cabeça de um adolescente. O garoto se espreguiça. Ele veste uma camisa de colarinho branco por baixo de um blazer. Está impecável, feito um

aluno digno de integrar um quadro de honra. Vira-se para olhar pela janela e fica encarando, pensativo, outro trem-bala parando na plataforma.

Kimura se aproxima. A uma fileira de distância, ele é acometido por um instante de hesitação. *Eu vou mesmo machucar um garoto que parece tão inofensivo?* Ombros estreitos, estrutura delicada. Parece só um adolescente discretamente empolgado por viajar sozinho no Shinkansen. A determinação e a agressividade dentro de Kimura arrefecem um pouco.

Então, faíscas estalam à sua frente.

Num primeiro momento, ele acha que o sistema elétrico do trem entrou em curto. Mas era o seu próprio sistema nervoso entrando em colapso por uma fração de segundo, primeiro com faíscas e, depois, com um apagão. O garoto encostado na janela havia girado o corpo e encostado uma coisa parecida com um enorme controle remoto de TV na coxa de Kimura. Quando finalmente percebe que aquilo é uma arma de choque artesanal tipo a que aqueles adolescentes usavam, Kimura já está paralisado, completamente imóvel, com todos os pelos de seu corpo eriçados.

Quando dá por si, está abrindo os olhos, sentado ao lado da janela. Suas mãos estão amarradas à sua frente. Seus tornozelos também, envolvidos em faixas de um tecido resistente e fita adesiva. Kimura agita os braços e as pernas, mas seu corpo não sai do lugar.

— Você é muito burro, Sr. Kimura. Não acredito que seja tão previsível. Você é mais confiável que um programa de computador. Sabia que você viria atrás de mim aqui. Sei exatamente o que veio fazer.

O garoto está sentado bem ao seu lado, falando de forma descontraída. Alguma coisa em suas pálpebras bem-marcadas e no seu nariz pequeno lhe confere um aspecto um tanto quanto feminino.

Este garoto havia empurrado o filho de Kimura do telhado de uma loja, e estava rindo quando fez isso. Embora estivesse no ensino médio, falava com a confiança de alguém que tinha vivido muito mais tempo.

— Eu sei que já disse isso, mas ainda estou surpreso com como tudo correu tão bem. A vida é mesmo muito fácil. Mas não pra você, sinto dizer. E pensar que você ainda largou sua preciosa bebida e se preparou tanto pra isso!

FRUTA



— EI, COMO ESTÁ O CORTE? — pergunta Tangerina, sentado no corredor, a Limão, ao lado da janela.

Eles estão no terceiro vagão, fileira dez, no assento de três lugares. Limão está olhado pela janela, resmungando.

— Por que eles tinham que acabar com a série 500? Os trens azuis? Esses eram os melhores. — Então, como se finalmente tivesse ouvido a pergunta, ele franze a testa. — Que corte?

Sua cabeleira volumosa parece a juba de um leão, mas é difícil dizer se se trata de um penteado elaborado ou se ele simplesmente nunca penteia o cabelo. O total desinteresse de Limão pelo trabalho ou, para falar a verdade, por qualquer coisa, fica evidente em seu olhar e em seus lábios re-torcidos. Por um instante, Tangerina se pergunta se é o visual de seu parceiro quem dita sua personalidade ou o contrário.

— Deixa eu pensar, Limão. Ah, sim, de quando cortaram você ontem. — Ele aponta. — Esse corte aí na sua cara.

— Quando foi que me cortaram?

— Quando você estava salvando esse riquinho aqui.

Tangerina aponta, então, para a pessoa sentada no assento do meio. Um cara mais jovem, de vinte e poucos anos, cabelo comprido, espre-mido entre os dois. Ele olha para Limão e depois para Tangerina repeti-das vezes. Hoje ele parece bem melhor do que na noite de ontem,

quando o resgataram. Eles o encontraram amarrado e espancado, tremendo incontrolavelmente. Mas menos de vinte e quatro horas depois ele parecia ter praticamente voltado ao normal. *Não deve estar pensando em nada*, reflete Tangerina. Geralmente é o que acontece com gente que não lê ficção. São vazios e monocromáticos por dentro, então conseguem seguir em frente sem nenhum problema. Eles engolem uma coisa e esquecem no instante em que desce pela garganta. São fisicamente incapazes de sentir empatia. Essas são as pessoas que mais precisariam ler ficção, mas, na maioria dos casos, já é tarde demais.

Tangerina confere o relógio. Nove da manhã, ou seja, nove horas desde que salvaram o moleque. Ele estava de refém num prédio na região de Fujisawa Kongochō, numa salinha três andares abaixo do térreo. Esse riquinho é o único filho de Yoshio Minegishi, e Tangerina e Limão o tiraram de lá.

— Eu jamais seria estúpido a ponto de deixar alguém me cortar. Dá um tempo.

Limão e Tangerina têm a mesma altura, pouco menos de um metro e oitenta, e a mesma compleição esguia. As pessoas costumam achar que os dois são irmãos, até mesmo gêmeos. Matadores de aluguel gêmeos. Toda vez que alguém se refere a eles como irmãos, Tangerina sente uma profunda frustração. Para ele, é inacreditável que alguém seja capaz de compará-lo a alguém tão desleixado e simplório. Limão, por outro lado, provavelmente não está nem aí. Tangerina não suporta o estilo destrambelhado de Limão. Um de seus colegas disse uma vez que era muito fácil trabalhar com Tangerina, mas com Limão era horrível. Era a mesma coisa com a fruta — ninguém quer comer um limão. Tangerina concordou sem nem pestanejar.

— Então que corte é esse aí no seu rosto? Tem um risco vermelho enorme na sua cara. Eu ouvi quando aconteceu. Aquele vagabundo veio com uma faca pra cima de você e você deu um berro.

— Eu nunca gritaria por causa disso. Se eu gritei foi porque foi muito fácil matar aquele cara, e fiquei decepcionado. Tipo, meu Deus, que baita

bunda mole, sabe? Enfim, esse negócio na minha cara não é um corte. É só uma irritação na pele. Eu tenho alergia.

— Nunca vi uma alergia que parecia tanto um corte de faca.

— Por acaso você é o criador das alergias?

— Eu sou o quê? — Tangerina estranha a pergunta.

— Foi você quem criou as irritações e reações alérgicas neste mundo? Ou você é algum tipo de especialista em saúde, e está desconsiderando meu histórico de vinte e oito anos com alergias? O que você sabe sobre alergias, afinal?

Era sempre assim. Limão ficava exaltado e começava a despejar acusações sem sentido para quem quer que estivesse em volta. Se Tangerina não reconhecer sua culpa ou simplesmente parar de lhe dar ouvidos, Limão continuará com aquilo indefinidamente. Então, eles escutam um barulhinho entre eles, vindo do moleque, o filho de Minegishi, que está fazendo ruídos indistintos.

— Hã...

— Que foi? — pergunta Tangerina.

— Que foi? — pergunta Limão.

— Hã, é, quais são mesmo os nomes de vocês?

Quando eles o encontraram na noite passada, o garoto estava amarrado a uma cadeira, todo retorcido como um trapo velho. Tangerina e Limão o acordaram e o carregaram para fora, e tudo que ele dizia era *desculpa, desculpa*, não conseguia falar mais nada. Tangerina percebeu que o moleque provavelmente não tinha a menor ideia do que estava acontecendo.

— Eu sou o Dolce, ele é o Gabbana — diz Tangerina, espontaneamente.

— Não — retruca Limão, balançando a cabeça. — Eu sou o Donald e ele é o Douglas.

— Quem?

Mas assim que termina de perguntar, Tangerina sabe que aqueles são personagens de *Thomas e Seus Amigos*. Não importa qual seja o assunto, Limão sempre dá um jeito de puxar a conversa para Thomas, um programa de TV infantil exibido muito tempo atrás, filmado com trenzinhos

de brinquedo, que Limão adora. Sempre que ele precisa criar uma alegoria, as chances de que vá buscar a inspiração num episódio de *Thomas e Seus Amigos* são grandes. Como se tudo que ele aprendeu sobre a vida e a felicidade tivesse vindo desse programa.

— Eu tenho certeza de que já te disse isso antes, Tangerina. Donald e Douglas são locomotivas pretas gêmeas. Eles falam de uma forma muito polida. “Ora, ora, se não é o nosso grande amigo Henry”, tipo assim. Falar desse jeito causa uma ótima impressão. Tenho certeza de que você concorda.

— Não posso dizer que sim.

Limão enfia a mão no bolso de sua jaqueta, vasculha por um tempo e então tira de lá um pedaço de papel brilhoso mais ou menos do tamanho de uma caderneta de anotações. Ele aponta para o papel.

— Olha, esse é o Donald. — Há vários trens no papel, adesivos de *Thomas e Seus Amigos*. Um é preto. — Não importa quantas vezes eu diga, você sempre esquece os nomes. Parece até que você não está nem se esforçando pra lembrar.

— Não estou mesmo.

— Você é muito sem graça. Olha, vou te dar isso para você lembrar dos nomes deles. Começando por aqui, este é o Thomas, aqui está o Oliver, viu, eles fizeram até uma fila para você. Até o Diesel...

Limão começa a falar os nomes, um por um. Tangerina empurra a cartela de adesivos de volta para ele.

— Então, hã, quais são os nomes de vocês? — pergunta o filho de Minegishi.

— Hemingway e Faulkner — diz Tangerina.

— Bill e Ben também são gêmeos, assim como Arry e Bert — acrescenta Limão.

— Nós *não* somos gêmeos.

— Tá bem, Donald e Douglas — disse o filho de Minegishi, sério. — Meu pai contratou os senhores para me salvar?

Limão começa a cutucar seu ouvido, aparentando desinteresse.

— É, acho que sim. Mas, para ser sincero, a gente meio que teve que aceitar esse trabalho. Muito perigoso dizer não pro seu pai.

Tangerina concorda.

— Seu pai é um sujeito assustador.

— Você também acha ele assustador? Ou será que ele pega leve com você porque você é o filho dele? — Limão cutuca o riquinho bem de leve, mas o moleque dá um pulo.

— Ah, hã, não, eu não acho ele tão assustador assim.

Tangerina abre um sorriso amarelo. Ele está começando a se acostumar com o cheiro característico dos assentos de trem.

— Você sabe as coisas que o seu pai fez quando estava em Tóquio? Só tem história maluca. Tipo uma vez quando uma menina atrasou um pagamento cinco minutos e ele cortou o braço dela fora, você já ouviu essa? Não um dedo, tá ligado, foi o braço inteiro. E nem estamos falando de um atraso de cinco horas, ela estava só cinco minutos atrasada. E ele arrancou o braço dela...

Tangerina para de falar, talvez percebendo que o ambiente bem iluminado do Shinkansen não era o lugar adequado para entrar em detalhes mais sangrentos.

— Sim, já ouvi essa — murmura o riquinho, parecendo desinteressado. — Depois ele colocou num micro-ondas, né? — completa, como se estivesse falando de uma vez que seu pai experimentou uma receita nova.

— Tá, e aquela história — Limão se aproxima e cutuca o moleque de novo — do cara que não pagava o que devia, e ele pegou o filho desse cara, botou os dois frente a frente, deu um estilete pra cada um e...

— Já ouvi essa também.

— Você já ouviu essa? — Tangerina parece perplexo.

— Mas, falando sério, o seu pai é um cara esperto. Ele simplifica as coisas. Se alguém está causando problemas, ele manda outra pessoa se livrar dele, e se alguma coisa é muito complicada, ele diz pra deixar pra lá. — Limão fica observando pela janela um outro trem que chega à estação. — Não muito tempo atrás tinha um cara em Tóquio chamado Terahara. Ganhou muito dinheiro, mas fez a maior confusão no processo.

— Sim, era dono de uma organização chamada Maiden. Eu sei. Já ouvi falar dele.

O moleque está começando a se sentir à vontade, querendo demonstrar certa autoridade. Tangerina não gosta daquilo. Ele conseguia se envolver com a história de um moleque mimado se ela estivesse num livro, mas, na vida real, não tinha o menor interesse. A única coisa que aquilo estava fazendo era lhe deixar irritado.

— Então, a Maiden acabou faz uns seis, talvez sete anos — continua Limão. — Tanto Terahara quanto seu filho morreram, e o negócio acabou. Depois que isso aconteceu, seu pai deve ter percebido que as coisas iam ficar feias, então ele simplesmente vazou da cidade, foi para o norte, para Morioka. Como eu falei, ele é esperto.

— Hã. Valeu.

— Por que está me agradecendo? Isso não foi um elogio ao seu pai. — Limão fica olhando o trem branco partir e desaparecer na distância com a melancolia típica das despedidas.

— Não, eu quis agradecer por terem me salvado. Eu estava achando que para mim já era. Eles me amarraram, acho que eram uns trinta caras. Me enfiaram num porão e tudo. Eu pensei que eles me matariam mesmo que meu pai pagasse o resgate. Eles pareciam odiar muito o meu pai. Eu estava pensando “pra mim acabou, com certeza”.

O riquinho estava ficando cada vez mais falante, e Tangerina fecha a cara.

— Você interpretou bem a situação. Em primeiro lugar, praticamente todo mundo odeia o seu pai. Não só os seus amiguinhos de ontem à noite. Eu diria que é mais fácil você encontrar uma pessoa que é, sei lá, imortal, do que alguém que não odeia o seu pai. Em segundo, como você disse, eles teriam te matado no instante em que recebessem o dinheiro, sem dúvida. Quando você pensou “pra mim já era”, você estava certíssimo.

Minegishi tinha entrado em contato com Tangerina e Limão direto de Morioka, incumbindo-os da missão de levar o dinheiro do resgate até os sequestradores e resgatar seu filho. Parecia bem simples na teoria, mas, na prática, nunca é.

— Seu pai foi muito específico — diz Limão, resmungando, enquanto conta nos dedos. — Salvem meu filho. Tragam o dinheiro do resgate de volta. Matem todos os envolvidos. Até parece que ele vai conseguir tudo que ele quer, né?

A lista de Minegishi estava em ordem de prioridade. O mais importante era trazer seu filho de volta, depois o dinheiro e, por último, matar todos os canalhas.

— Mas, Donald, você fez tudo isso. Você mandou muito bem. — Os olhos do riquinho brilhavam.

— Ei, Limão. Cadê a mala?

Tangerina fica nervoso de repente. Limão deveria estar com a mala contendo o dinheiro do resgate. Não parecia grande o bastante para uma viagem internacional, mas era um modelo de um porte decente, com uma alça reforçada. Naquele momento, ela não estava nem no compartimento superior de bagagens, nem debaixo do banco, nem em lugar algum.

— Tangerina, você percebeu! — Limão joga seu corpo totalmente para trás e acomoda as pernas sobre o assento à sua frente, abrindo um sorriso. Em seguida, começa a vasculhar seu bolso. — Foi aqui que eu coloquei a mala.

— A mala não cabe aí no seu bolso.

Limão ri, apesar de mais ninguém acompanhá-lo.

— Sim, tudo que tenho no bolso é esse pedacinho de papel.

Ele tira algo do tamanho de um cartão de visita e fica balançando-o no ar.

— O que é isso? — O riquinho se inclina para ver mais de perto.

— É um bilhete de um sorteio daquele supermercado em que paramos no caminho pra cá. Eles fazem um sorteio por mês. Olha só, o primeiro prêmio é uma passagem! E acho que eles fizeram alguma besteira, porque não tem data de validade, então se você ganhar, pode viajar quando quiser!

— Dá pra mim?

— De jeito nenhum, não vou dar isso pra você. Pra que você precisa de uma passagem? Seu pai pode pagar pelas suas viagens. Seu pai pode comprar qualquer passagem que você quiser.

— Limão, esquece esse sorteio e me diz onde você enfiou a porcaria da mala. — A voz de Tangerina está levemente alterada. Um pressentimento horrível percorre seu corpo.

Limão o encara serenamente.

— Você não entende muito de trens, então vou explicar. Nos modelos atuais do Shinkansen, tem um compartimento nos espaços que conectam os vagões para as bagagens maiores. Malas para viagens internacionais, equipamento de esqui, esse tipo de coisa.

Tangerina fica sem palavras por um momento. Para aliviar a pressão que faz sua cabeça ferver, ele dá uma cotovelada no braço do riquinho por puro reflexo. O moleque dá um grito e choraminga em protesto, mas Tangerina o ignora.

— Limão, os seus pais não te ensinaram a ficar sempre de olho nas suas coisas? — Ele se esforça ao máximo para manter a voz calma.

Limão fica nitidamente ofendido.

— O que você quer dizer com isso? Você está vendo algum lugar aqui onde eu poderia ter colocado a mala? Tem três pessoas sentadas nesse lugar, como é que eu ia enfiar essa mala aqui? — Gotas de saliva chovem sobre o riquinho. — Eu precisei colocar em *outro lugar!*

— Poderia ter colocado no compartimento superior.

— Como não era você quem estava carregando, você não sabe, mas aquela coisa é pesada!

— Eu carreguei, sim, por um tempo, e ela não é tão pesada assim.

— E você não acha que se uma pessoa visse dois caras meio suspeitos tipo nós carregando uma mala, ia pensar “Deve ter alguma coisa de valor aí dentro”, e nós seríamos descobertos? Estou tentando ser discreto aqui!

— Nós não seríamos descobertos.

— Seríamos, sim. E enfim, Tangerina, você sabe que os meus pais morreram num acidente quando eu estava no jardim de infância. Eles não tiveram tempo de me ensinar muita coisa. Mas se eles me ensinaram alguma coisa, não foi ficar sempre perto da minha mala.

— Você é um idiota.

O celular no bolso de Tangerina vibra. Ele o tira do bolso, vê quem está ligando e faz uma careta.

— É o seu pai — diz para o riquinho.

Enquanto Tangerina se levanta e segue na direção do espaço que conecta os vagões, o Shinkansen começa a se mover.

A porta automática se abre e Tangerina atende a ligação assim que pisa no corredor. Ele encosta o telefone no ouvido e ouve a voz de Minegishi.

— E aí?

É uma voz suave, porém penetrante. Tangerina se aproxima da janela e acompanha a cidade, que vai passando diante de seus olhos.

— O trem acabou de sair.

— Meu filho está em segurança?

— Se ele não estivesse, eu não estaria no trem.

Então Minegishi pergunta se eles estão com o dinheiro e o que aconteceu com os sequestradores. O barulho do trem aumenta, e fica mais difícil de ouvir a ligação. Tangerina faz o seu relatório.

— Assim que vocês trouxerem meu filho de volta, o trabalho está encerrado.

Você está aí relaxando na sua casa de campo, será que você se preocupa mesmo com o seu filho? Tangerina morde a língua.

Minegishi desliga. Tangerina se vira para voltar, mas para de supetão: Limão está de pé bem à sua frente. É uma sensação estranha encarar alguém que tem exatamente a sua altura, quase como olhar para um espelho. Mas a pessoa que ele vê é mais desleixada e se comporta de forma muito pior do que ele, o que dá a Tangerina a sensação peculiar de que seus defeitos adquiriram uma forma humana e agora o estão encarando nos olhos.

A tradicional inquietação de Limão está a todo vapor.

— Tangerina, a coisa tá feia.

— Que coisa? Não venha me culpar pelos seus problemas.

— Esse problema é seu também.

— O que houve?

— Você disse pra eu colocar a mala com a grana no compartimento superior, né?

— Sim.

— Bom, eu também comecei a ficar preocupado com isso, então fui buscar a mala. Lá no compartimento de bagagens do outro lado.

— Boa ideia. E aí?

— Ela sumiu.

Os dois atravessam voando o terceiro vagão em direção ao corredor na outra ponta. O compartimento de bagagens fica ao lado dos banheiros e das pias. Duas prateleiras, uma mala grande em cima de uma delas. E não é a que contém o dinheiro de Minegishi. Ao lado, um pequeno espaço vazio que parece algum dia ter abrigado um telefone público.

— Você colocou ela aqui? — Tangerina aponta para a prateleira vazia embaixo da mala grande.

— Sim.

— E onde ela está?

— Talvez no banheiro?

— A mala?

— Sim.

Não fica evidente se Limão está brincando ou falando sério quando ele para na frente do banheiro masculino e abre a porta. Mas quando ele grita “Onde você está? Pra onde é que você foi? Volta!”, sua voz é pura loucura.

Talvez alguém tenha pegado por engano, pensa Tangerina, mas ele sabe que isso não é verdade. Seu coração acelera. O fato de estar nervoso o deixa ainda mais nervoso.

— Ei, Tangerina, sabe quais são as três palavras que descrevem nossa situação neste momento? — Tem um músculo pulsando sem parar no rosto de Limão.

Neste momento, o carrinho de lanches entra no corredor. A jovem que o empurra para e pergunta se eles gostariam de alguma coisa, mas eles não querem que ela escute aquela conversa, então a dispensam. Tangerina espera até que ela e o carinho desapareçam do outro lado da porta.

— Três palavras? “Nós estamos ferrados”?

— Nós estamos *fodidos*.

Tangerina sugere que eles voltem aos seus assentos para se acalmar e pensar numa solução. Ele vai na frente, e Limão o segue.

— Olha só, eu não terminei. Que outras três palavras podemos usar?

Pode ser que Limão esteja confuso, ou que seja apenas muito burro, mas não há um pingo de nervosismo em sua voz. Tangerina finge que não o ouviu, entra no terceiro vagão e caminha pelo corredor. O trem não está cheio, talvez uns quarenta por cento de sua lotação num dia de semana, nesta hora da manhã. Tangerina não sabe quantas pessoas costumam pegar o Shinkansen, mas ele tem a impressão de que o movimento está tranquilo.

Como estão andando em direção aos fundos do vagão, os passageiros estão sentados de frente para eles. Pessoas de braços cruzados, de olhos fechados, lendo jornais, funcionários de empresas. Tangerina examina os compartimentos de bagagem superiores e os debaixo dos assentos, procurando por uma mala preta de tamanho médio.

O filho de Minegishi continua sentado em seu lugar, no meio do vagão. Ele reclinou o banco para trás e está com os olhos fechados e a boca aberta, o corpo inclinado na direção da janela. Deve estar cansado, afinal, há dois dias foi sequestrado, amarrado e torturado, e depois resgatado no meio da noite e levado até aquele trem sem pregar os olhos nem por um segundo.

Mas nenhum desses pensamentos cruza a mente de Tangerina. Em vez disso, ele sente o coração disparar. *Só me faltava essa*. Ele se descontrola por um instante, mas se recupera, sentando-se rapidamente ao lado do moleque e tocando seu pescoço.

Limão se aproxima.

— Dormindo no meio de uma crise, patrãozinho?

— Limão, a nossa crise acaba de se agravar.

— Como?

— O patrãozinho morreu.

— Não brinca. — Vários segundos depois, Limão acrescenta: — Nós estamos *fodidos pra cacete*. — Em seguida ele conta em seus dedos e resmunga. — Ah, aí já são cinco palavras.

NANAO



NANAO NÃO CONSEGUE PARAR DE PENSAR QUE: se aconteceu uma vez, pode acontecer de novo, e se aconteceu duas vezes, pode acontecer três, e se aconteceu três vezes, pode acontecer quatro; portanto, podemos muito bem afirmar que se algo acontece uma vez, vai continuar acontecendo para sempre. Como num efeito dominó. Cinco anos atrás, em seu primeiro trabalho, as coisas ficaram muito mais arriscadas do que ele esperava, de modo que repetiu para si mesmo: *Se isso aconteceu uma vez, pode acontecer de novo.* Como se aquele pensamento tivesse força própria, seu segundo trabalho também foi um desastre, assim como seu terceiro. Sempre era uma tremenda bagunça.

“Você pensa demais”, Maria lhe disse em diversas ocasiões. Quem passa os trabalhos para Nanao é Maria, que descreve a si própria como sendo basicamente um balcão de informações e reclamações, embora Nanao acredite que ela não se resume a isso. Palavras dançavam em sua mente como epigramas. *Eu faço a comida e você come, Você manda e eu obedeço.* Uma vez ele perguntou a ela: “Maria, por que você não faz nenhum trabalho?”

“Mas eu tenho um trabalho.”

“Eu quis dizer um *trabalho*. Sabe como é, na rua. Esse tipo de trabalho.”

Nanao tentou elaborar uma metáfora, como se ela fosse um craque de futebol que ficava na lateral do campo orientando os amadores que tropeçavam nos próprios pés dentro de campo e os criticando pelos

seus erros. “E se você é o craque, eu sou um amador. Não seria mais fácil se o craque entrasse em campo? Seria menos estresse para todos os envolvidos, e os resultados seriam melhores.”

“Fala sério, eu sou uma mulher.”

“Sim, mas você é muito boa de kenpo. Eu já vi você derrotar três homens ao mesmo tempo. E tenho certeza de que você é mais confiável do que eu.”

“Não foi isso que eu quis dizer. Eu sou uma mulher. E se o meu rosto ficar desfigurado?”

“Em que ano você nasceu? Já ouviu falar de igualdade de gênero?”

“Essa conversa configura assédio sexual.”

Como não conseguia avançar nesse assunto com ela, Nanao desistiu. Pelo jeito, a situação não mudaria: Maria seguiria dando as ordens, e Nanao as cumpriria. O craque mandando no amador.

Sobre esse trabalho, Maria disse a mesma coisa que havia dito sobre todos os outros.

— É fácil. Só entrar e sair, pá-pum.

Nanao já tinha ouvido aquela promessa outras vezes, mas quase não tinha mais forças para protestar.

— Acho que alguma coisa vai dar errado.

— Como você é pessimista. Você parece um caranguejo-ermitão que não quer sair da concha por medo de um terremoto.

— É disso que os caranguejos-ermitões têm medo?

— Se eles não tivessem medo de terremoto, eles não teriam casas portáteis, não é mesmo?

— Talvez eles só queiram evitar pagar os impostos.

Ela ignorou aquela tentativa desesperada de fazer piada.

— Escuta, o tipo de trabalho que nós fazemos é, basicamente, violento. É um trabalho perigoso, então você não deveria ficar tão espantado sempre que aparece um probleminha. Dá pra dizer que esse probleminha é justamente o seu trabalho.

— Probleminha não — retruca Nanao, enfaticamente. — Nunca é só um *probleminha*. — Ele fez questão de ser totalmente objetivo nesse

ponto. — Eu nunca tive só um *probleminha*. Tipo naquele trabalho no hotel, quando eu tinha que tirar fotos daquele político que estava tendo um caso. Você disse que seria fácil, pá-pum.

— E era fácil, tudo que você tinha que fazer era tirar umas fotos.

— Seria fácil, óbvio, se não tivesse rolado um tremendo tiroteio no hotel.

Um homem de terno abriu fogo, de repente, no lobby do hotel, atirando em todas as direções. Mais tarde ele seria identificado como um proeminente burocrata que, em meio a uma crise de depressão, matou diversos hóspedes antes de começar a lidar com a polícia. Aquilo não tinha nenhuma ligação com o trabalho de Nanao, foi tudo uma tremenda coincidência.

— Mas você se saiu muito bem! Quantas pessoas você salvou no final das contas? E você quebrou o pescoço do atirador!

— Era ele ou eu. E a vez em que eu tive que ir até aquela lanchonete provar uma novidade no menu e depois ficar exaltando o quanto ela era deliciosa, uma verdadeira explosão de sabores?

— Você está dizendo que não era deliciosa?

— *Era* deliciosa. Só que aí teve uma *explosão* no restaurante!

Um funcionário demitido poucos dias antes tinha detonado uma bomba. Embora a explosão não tivesse causado muitas mortes, o interior da lanchonete logo ficou tomado pelas chamas e pela fumaça, e Nanao fez tudo o que podia para tirar os clientes de lá. Mas aconteceu de um criminoso conhecido estar no lugar naquele momento, e um atirador de elite havia sido contratado para matá-lo usando um fuzil de precisão, o que só deixou o cenário mais caótico.

— Mas você também mandou muito bem... você encontrou o atirador e deu uma surra nele. Mais um dos seus grandes sucessos!

— Você me disse que esse também seria um trabalho fácil.

— Bom, mas qual o grande problema em comer um hambúrguer?

— E com o meu último trabalho foi a mesma coisa. É só esconder um dinheiro no banheiro de uma lanchonete, você disse. Mas minhas

meias ficaram encharcadas e eu quase acabei comendo um hambúrguer cheio de mostarda. Não existe isso de trabalho fácil. É perigoso ser tão otimista. Mas, enfim, você ainda não me disse nada sobre esse trabalho que você quer que eu faça agora.

— Eu disse, sim. É para roubar uma mala e sair do trem. Só isso.

— Você não me disse onde a mala está ou de quem ela é. Você quer que eu simplesmente pegue o Shinkansen e depois você entra em contato com mais detalhes? Pra mim não está parecendo que vai ser tão fácil assim. E você quer que eu desembarque do trem com a mala em Ueno? Isso é logo depois de Tóquio. Mal vou ter tempo.

— Pense assim: quanto mais complicado é um trabalho, mais informação você precisa antes de executá-lo. Observações específicas, testes, planos de contingência. Por outro lado, se você não sabe de nenhum detalhe de antemão, isso significa que o trabalho vai ser fácil. Por exemplo, se você tivesse um trabalho que consistisse em inspirar e expirar três vezes, você precisaria saber de algum detalhe com antecedência?

— Que lógica mais torta é essa? Não vai rolar. Não tem como esse trabalho ser tão fácil como você está dizendo. Não existe isso de trabalho fácil.

— É óbvio que existe. Tem um monte de trabalhos fáceis.

— Diga um.

— O meu. Ser uma intermediária é a coisa mais fácil do mundo.

— Puxa, que ótimo pra você.

Nanao espera o trem na plataforma. Seu celular vibra, e ele o leva até o ouvido bem na hora que uma voz anuncia nos alto-falantes: “O Hayate-Komachi com destino a Morioka chegará dentro de instantes na plataforma vinte.” A voz masculina reverbera pelo espaço, fazendo com que Nanao tenha dificuldades em escutar o que Maria está dizendo.

— Ei, você está me escutando? Consegue me ouvir?

— O trem está chegando.

O anúncio provoca uma movimentação ruidosa na plataforma. Nanao sente como se de repente tivesse sido envolvido por uma membrana invisível, bloqueando os sons ao seu redor. Um vento forte de outono começa a soprar. Há pedaços de nuvens espalhados pelo céu, parecendo intensificar seu tom azul-claro.

— Vou entrar em contato com você assim que as informações sobre a bagagem chegarem, o que acho que deve acontecer assim que o trem sair.

— Você vai me ligar ou mandar mensagem?

— Ligar. Fique com o telefone à mão. Você pode fazer isso, né?

O bico fino do Shinkansen começa a aparecer, trazendo o trem branco e comprido à estação. Ele diminui a velocidade e para na plataforma. As portas se abrem, os passageiros desembarcam. A plataforma fica abarrotada de pessoas, que tomam os espaços vazios como água sobre uma superfície seca. As filas de pessoas que esperam para embarcar se desmancham. Ondas humanas escorrem escada abaixo. Aqueles que ficaram nas plataformas se reorganizam mais uma vez em filas, sem falar com ninguém, nem olhar para ninguém. Ninguém deu nenhuma ordem, todo mundo simplesmente volta ao seu lugar automaticamente. *Que bizarro, pensa Nanao. E eu estou fazendo a mesma coisa.*

Porém, eles ainda não podem embarcar — as portas continuam fechadas, possivelmente para que a equipe de limpeza dê uma geral no trem. Ele segue na ligação com Maria por mais alguns segundos antes de desligar.

— Eu queria ir no vagão verde! — diz uma voz ali perto.

Ele se vira e vê uma mulher de maquiagem pesada e um homem baixinho segurando um saco de papel. O homem tem uma cara redonda e barba. Parece um pirata de brinquedo. A mulher usa um vestido verde sem mangas, exibindo os braços definidos. O vestido é supercurto. Nanao desvia o olhar das coxas à mostra, sentindo-se mais desconfortável do que deveria e encostando nos óculos de armação preta.

— O vagão verde é muito caro. — O homem coça a cabeça e mostra suas passagens para a mulher. — Mas olha só, estamos no segundo vagão, na fileira dois. Dois-dois, que nem dois de fevereiro. Seu aniversário!

— Esse *não* é o meu aniversário. Eu pus este vestido verde porque achei que a gente ia no vagão verde!

A mulher musculosa demonstra seu descontentamento dando um gemido, e depois soca o ombro do homem, fazendo com que ele derrube seu saco de papel, esparramando o conteúdo pelo chão. Uma pequena avalanche de roupas sai de dentro do saco: uma jaqueta vermelha, um vestido preto. Tem alguma coisa preta e peluda no meio de tudo, parecendo um animal pequeno, o que faz Nanao se assustar. Ele chega a ter calafrios com a aparição surpresa da criatura não identificada. O homem recolhe a peça com irritação. Nanao vê que é só um aplique. Ou melhor, uma peruca. Após olhar melhor, Nanao vê que a pessoa de vestido verde tem pomo de adão, ombros largos. Os braços musculosos não incomodam Nanao, mas ele tem muita dificuldade com as coxas expostas pelo vestido curto.

— Ô, camarada, você não vai parar de me comer com os olhos, não? Nanao toma um susto, percebendo que a voz está falando com ele.

— Isso aí, camarada — diz o barbudo com cara de brincado enquanto dá um passo em sua direção, ainda agachado —, dá uma boa olhada. Quer essas roupas? Eu te vendo, dez mil ienes. E aí? Mostre a grana. — Ele continua enfiando as roupas dentro do saco.

Eu não compraria essas coisas nem por cem ienes, Nanao pensa em dizer, mas sabe que aquilo só o faria se envolver ainda mais. Ele suspira. *Já começou a dar errado*.

— Vamos lá, vamos lá, eu sei que você pode pagar — pressiona o homem. Ele parece um valentão extorquindo outro aluno no colégio. — Belos óculos, sabe-tudo. Você é um sabe-tudo?

Nanao vira o rosto e sai andando.

Concentre-se no trabalho.

Sua missão é simples. Pegue a mala, desça na próxima parada. *Sem problemas. Nada vai dar errado, não vai ter nenhuma surpresa*. Uma pessoa musculosa e toda maquiada e um homem barbudo gritaram com ele, mas esse seria o maior problema que Nanao enfrentaria hoje. Ele diz

isso a si mesmo como se estivesse fazendo um ritual, como se afastasse as energias negativas do seu caminho.

Uma voz sai pelos alto-falantes agradecendo às pessoas por terem esperado. É uma mensagem pré-gravada, mas alivia o estresse da espera. Pelo menos para Nanao, ainda que ele não tenha esperado por tanto tempo assim. Ele escuta um funcionário da companhia anunciar que as portas se abrirão e, em seguida, como que por mágica, é o que elas fazem.

Ele confere o número do seu assento. Quarto vagão, fileira um, assento D. Ele se lembra do que Maria disse quando lhe entregou o bilhete: “Não sei se você sabe, mas o Hayate tem lugares marcados. Eu reservei o seu com antecedência porque você vai ter que desembarcar depressa. Achei que um no corredor seria mais fácil.”

“O que tem dentro dessa mala, afinal?”

“Eu não faço ideia, mas tenho certeza de que não é nada importante.”

“Ah, você tem certeza? Você realmente espera que eu acredite que você não sabe o que tem dentro dela?”

“Estou falando sério. Você quer que eu pergunte ao cliente e o deixe irritado?”

“E se for algum tipo de contrabando?”

“Tipo o quê?”

“Sei lá, um cadáver, um monte de dinheiro, drogas ou um enxame de insetos?”

“Um enxame de insetos seria horrível.”

“Os outros três seriam piores. Tem algo ilegal nessa mala?”

“Não sei ao certo.”

“Então tem, né?” Nanao estava começando a perder a paciência.

“Não importa o que tenha dentro da mala, tudo que você tem que fazer é transportá-la. Fácil, fácil.”

“Isso não faz o menor sentido. Beleza, então que tal você ir buscá-la?”

“De jeito nenhum. Muito arriscado.”

★ ★ ★

Nanao se acomoda no assento no fundo do quarto vagão. Uma grande quantidade de assentos está vazia. Ele espera pela partida do trem, com o celular na mão e os olhos no aparelho. Nada de Maria ainda. Ele vai chegar à estação Ueno poucos minutos após saírem da estação Tóquio. Terá pouquíssimo tempo para roubar a mala. Isso o preocupa.

A porta automática zune e alguém adentra o vagão. Bem quando isso acontece, Nanao tenta arrumar as pernas cruzadas e bate com o joelho no saco de papel do homem que está entrando. O homem o encara. Parece nitidamente transtornado — barba malfeita, rosto pálido, olhos fundos. Nanao desculpa-se rapidamente.

Para ser exato, foi o homem quem esbarrou nele, então era ele quem deveria pedir desculpas, mas Nanao não se importa. Ele quer evitar qualquer tipo de confronto. Vai pedir quantas desculpas forem necessárias para evitar um confronto. O homem se vira para ir embora, enfurecido, mas Nanao percebe um rasgo no saco de papel, possivelmente causado pela colisão em sua perna.

— Ei, seu saco está rasgado.

— Cuide da sua vida. — O homem sai arrastando os pés.

Nanao tira a pochete de couro que carrega na cintura para conferir sua passagem mais uma vez. A pochete está cheia de coisas, um bloco com uma caneta, arame, um isqueiro, comprimidos, uma bússola, um ímã extremamente potente em formato de ferradura e um rolo grosso de fita adesiva. Há também três relógios de pulso, digitais, com alarme. Ele aprendeu que alarmes podem ser úteis em diversas situações. Maria tira sarro dele, chamando-o de canivete suíço ambulante, mas são só coisas que ou ele tem em sua cozinha, ou comprou numa loja de conveniência. Exceto pelas pomadas corticoides e contra inflamação, para o caso de ele se queimar ou se cortar.

Um homem que a Srta. Sorte costuma esnoabar não tem outra escolha a não ser estar preparado. É por isso que Nanao está sempre com sua pochete mil e uma utilidades.

Ele pega a passagem do Shinkansen nas entranhas da pochete. Precisa ler duas vezes o que está impresso nela: é uma passagem de Tóquio a

Morioka. *Por que Morioka?* Assim que ele se faz essa pergunta, seu celular toca. Ele atende imediatamente e escuta a voz de Maria.

— Ok, vamos lá. Está entre os vagões três e quatro. Tem um compartimento de bagagem nesse espaço e a mala preta está lá. Há uma espécie de adesivo perto da alça. A pessoa a quem essa mala pertence está no vagão três, então assim que você pegar a bagagem, vá na outra direção e saia do trem o mais rápido possível.

— Entendi. — Ele faz uma pausa por um instante. — Acabo de perceber uma coisa. Eu tenho que desembarcar em Ueno, mas, por algum motivo, minha passagem vai até Morioka.

— Nenhum motivo específico. Para um trabalho como esse, fazia mais sentido te dar uma passagem que fosse até o final da linha. Só para o caso de acontecer alguma coisa.

Nanao sobe um pouco o tom de voz.

— Então você *acha* que alguma coisa vai acontecer.

— É só por precaução. Não precisa ficar todo alterado por causa disso. Tente sorrir. Como é mesmo aquele velho ditado? Um belo sorriso abre muitas portas.

— Seria bem esquisito eu ficar aqui sentado sorrindo sozinho.

Ele desliga. O trem começa a se mover.

Nanao se levanta e segue até os fundos do vagão.

Cinco minutos até chegar em Ueno. Vai ser apertado. Por sorte, ele encontra imediatamente o compartimento de bagagens e localiza a mala preta sem nenhum problema. É uma mala média, com rodinhas. Tem um adesivo perto da alça. É de um material duro, embora ele não consiga identificar do que é feita. Ele a tira da prateleira da maneira mais discreta possível. *Um trabalho fácil*, Maria havia dito, em sua voz doce. Até aqui foi bem fácil mesmo. Ele confere o tempo. Quatro minutos até a chegada na estação Ueno. *Vamos, vamos*. Nanao volta para o quarto vagão com a mala, andando de forma lenta e calculada. Ninguém parece estar prestando a menor atenção nele.

Ele atravessa aquele vagão, depois o quinto, e acessa o espaço entre este e o sexto.

Então, Nanao para e solta o ar, aliviado. Estava preocupado que alguma coisa talvez pudesse estar bloqueando a porta, uns moleques tirando um cochilo ou se maquiando na frente dela, ocupando espaço, e quando eles vissem que Nanao estava olhando para eles diriam “Ei, qual é o problema?”, ou começariam a xingá-lo, ou quem sabe um casal estivesse no meio de uma briga e o obrigasse a escolher um dos lados, arrastando-o para o meio da discussão. O que quer que fosse, ele tinha certeza de que aconteceria alguma coisa para lhe atrapalhar.

Mas não há ninguém perto da porta, de modo que ele se sente aliviado. Tudo que lhe resta fazer agora é chegar a Ueno e descer do trem. Sair da estação e ligar para Maria. Ele já consegue ouvi-la tirando sarro dele. *Viu só como foi fácil*, ela vai dizer, e, mesmo não gostando de ser provocado, ele preferiria mil vezes ser provocado a enfrentar qualquer tipo de problema mais sério.

O lado de fora fica escuro de repente assim que o trem mergulha num túnel, sinalizando sua chegada eminente à plataforma subterrânea de Ueno. Nanao segura com força a alça da mala e confere seu relógio, embora não tenha nenhum motivo para isso.

Vê seu reflexo na janela da porta. Até ele precisa admitir que parece o tipo de cara que não tem sorte, dinheiro ou sucesso. Ex-namoradas já haviam reclamado: “Desde que a gente começou a namorar, eu estou sempre perdendo minha carteira”, “Parece que as coisas dão sempre errado quando estou com você”, “Minha pele está cada dia pior”. Ele protestava, dizendo que nenhuma dessas coisas poderia ser culpa sua, mas, de alguma forma, Nanao sabia que provavelmente era. Como se sua má sorte as tivesse contaminado.

O zunido estridente do trem sobre os trilhos começa a diminuir. As portas se abrem à esquerda. O exterior se ilumina e, de repente, a estação aparece, como se eles tivessem chegado a uma cidade futurista dentro de uma caverna. As pessoas espalhadas pela plataforma começam a se afastar dos trilhos. Bancos, escadarias e painéis digitais vão desaparecendo à esquerda.

Nanao fica olhando pelo vidro, para assegurar-se de que ninguém o surpreenda pelas costas. Se o dono da mala ou qualquer outra pessoa o confrontar, as coisas podem se complicar. O trem começa a reduzir a velocidade. Aquilo o faz pensar na vez em que jogou roleta num cassino. A maneira como a roleta desacelerava parecia dar pistas muito importantes sobre o número em que a bola pararia. Ele fica com a mesma sensação conforme o Shinkansen vai se aproximando da plataforma, desacelerando preguiçosamente, como se estivesse escolhendo onde parar, qual vagão na frente de qual passageiro, quem eu vou pegar, quem eu vou pegar? E então, ele para.

Um homem está parado do outro lado da porta, exatamente na frente de Nanao. Um cara pequeno, usando uma boina que o faz parecer com um detetive particular de uma história infantil. A porta não se abre imediatamente. Faz-se uma longa pausa, como quando você está segurando a respiração debaixo d'água.

Nanao e o homem estão um de frente para o outro, com uma janela de vidro entre os dois. Nanao franze a testa. *Conheço um cara que tem esse mesmo aspecto deprimente e usa esse mesmo chapéu idiota de detetive.* O homem que Nanao tem em mente está no mesmo ramo que ele — atividades clandestinas, negócios perigosos. É um cara qualquer, mas que fala como se fosse grande coisa, sempre dando ares de grandeza aos seus feitos e falando mal de todo mundo. É por isso que as pessoas o chamam de Lobo. Não por ele ser heroico e solitário como o animal. Tem mais a ver com o lobo de mentira sobre o qual o menino daquela história não para de falar. Mas ele não parece se importar com o apelido pejorativo, porque sempre comenta, cheio de orgulho, que foi o Sr. Terahara quem lhe deu. Terahara administrava o mundo do crime, era um homem ocupado, então ficava difícil acreditar que ele perderia seu tempo dando um apelido a alguém. Mas o Lobo, aparentemente, achava que tinha sido assim que aconteceu.

O Lobo tinha um monte de histórias fantasiosas. Como a que contou a Nanao uma vez quando os dois estavam no mesmo bar. “Sabe aquele cara, o tal dos suicídios? O que executa políticos e burocratas e faz

parecer que eles se mataram? Acho que chamam ele de Baleia, ou Orca, uma coisa assim. As pessoas andam dizendo que ele está sumido. Sabe por quê? Porque eu peguei o cara.”

“Como assim ‘pegou’?”

“Recebi um trabalho, sabe como é. Matei o Baleia.”

O especialista em suicídios que atendia pela alcunha de Baleia realmente tinha desaparecido de repente, e os profissionais do ramo estavam mesmo comentando o assunto. Uns diziam que o assassino era alguém da área, outros diziam que ele havia se envolvido num acidente horrível, e tinha até mesmo quem dissesse que o cadáver do sujeito havia sido arrematado por uma bolada por um político com quem ele tinha uma rusga antiga, que pendurou seu corpo em casa como se fosse uma decoração. Mas, qualquer que fosse a verdade, uma coisa estava evidente: para um trabalho daquela magnitude, ninguém jamais teria contratado o Lobo, que fazia só serviços de mensageiro ou era enviado para assustar mulheres e civis.

Nanao sempre se esforçava ao máximo para não ter que lidar com o Lobo. Quanto mais ele olhava para o sujeito, mais queria lhe dar um soco na cara, o que ele sabia que só lhe traria problemas. E ele tinha motivo para desconfiar do próprio autocontrole, pois, certa vez, Nanao realmente havia agredido o Lobo.

Ele estava descendo uma ruela na região dos bares quando se deparou com o Lobo prestes a bater em três meninos que não deviam ter mais do que dez anos.

“O que você pensa que está fazendo?”, perguntou Nanao.

“Esses fedelhos estavam tirando sarro de mim. Vou dar uma surra neles.” Então, ele fechou o punho e acertou um dos meninos petrificados bem no rosto. Nanao sentiu o sangue subir à cabeça. Ele derrubou o Lobo com um soco e chutou sua cabeça.

Maria ficou sabendo sobre o incidente e fez questão de dar a sua alfinetada. “Você é mesmo muito bonzinho, protegendo criancinhas.”

“Não fiz isso porque eu sou bonzinho.” Aquilo tinha alguma coisa a ver com a imagem de uma criança assustada, indefesa, implorando

para que alguém a salvasse. “Quando eu vejo uma criança em perigo, não consigo me conter.”

“Ah, é por causa do seu trauma? Essa palavra está muito em voga.”

“Isso não é justo, é muito mais complexo do que uma tendência do momento.”

“A modinha do trauma já passou”, disse ela, com certo desdém.

Ele tentou explicar que não era uma modinha. Embora a palavra “trauma” tenha se tornado um clichê e, de repente, todo mundo estivesse traumatizado por alguma coisa, ainda assim as pessoas precisavam lidar com as mazelas do passado.

“Bom, o Lobo está sempre mexendo com crianças e animais, seres mais frágeis do que ele, e isso é cruel. Ele é péssimo, sério. E sempre que ele se vê em perigo, começa a falar sobre o Terahara. ‘Eu sou protegido do Terahara, vou contar pro Sr. Terahara.’”

“O Terahara está morto.”

“Ouvi dizer que quando o Terahara morreu o Lobo chorou tanto que ficou desidratado. Um idiota. Mas, enfim, você deu uma surra nele no fim das contas.”

Ser chutado na cabeça por Nanao feriu tanto o corpo do Lobo quanto o seu orgulho. Ele ficou furioso e, com os olhos semicerrados, prometeu que se vingaria na próxima vez que os dois se encontrassem. Então saiu correndo. Aquela foi a última vez que eles se viram.

As portas do Shinkansen se abrem. Nanao está prestes a desembarcar, segurando a mala. Agora ele está frente a frente com o homem de boina, que se parece exatamente com o Lobo, uma semelhança realmente espantosa, e então o homem aponta para ele e diz:

— Ah, é você.

E Nanao se dá conta que lógico que aquele cara é ninguém menos que o próprio Lobo.

Ele tenta sair rapidamente, mas o rosto do Lobo parece uma máscara de determinação sinistra enquanto ele o empurra de volta, forçando sua entrada no trem e jogando Nanao para trás.

— Ora, ora, que sorte a minha encontrar você aqui — diz o Lobo, satisfeito. — Que beleza! — Ele respira, inflando as narinas.

— Vamos deixar para a próxima. Eu vou descer aqui. — Nanao mantém a voz baixa, preocupado que falar alto possa atrair a atenção do dono da mala.

— Você acha que eu vou deixar você fugir? Eu tenho uma conta para acertar com você, amigão.

— Acerta comigo mais tarde. Estou trabalhando. Ou melhor, não precisa acertar nada, sua dívida está perdoada.

Não tenho tempo para isso, e bem quando esse pensamento cruza a mente de Nanao, as portas se fecham rapidamente. O Shinkansen parte, indiferente ao dilema de Nanao. Ele escuta a voz de Maria vindo de algum lugar: *Viu só como esse trabalho era fácil?* Nanao quer gritar de frustração. O trabalho desandou, exatamente como ele imaginava que aconteceria.

O jovem Satoshi pode até parecer um aluno exemplar, mas as aparências enganam: por trás da fachada de inocente, há um psicopata extremamente cruel. É por culpa dele que o filho de Kimura está em coma, e, ao embarcar no trem-bala de Tóquio a Morioka, o pai busca vingança.

Só que os dois logo descobrirão que não são as únicas pessoas perigosas a bordo. Em vagões bem próximos ao deles, estão o desajeitado Nanao — talvez o assassino mais azarado do mundo — e a letal dupla Tangerina e Limão. Para tornar a situação ainda mais tensa, em pouco tempo uma mala misteriosa fará com que os destinos desses cinco personagens se cruzem de maneiras dramáticas. Mas, afinal, por que eles estão todos no mesmo trem?

Recheado de cenas de ação, *Trem-bala* traz momentos absurdos, personagens icônicos e tiradas mordazes em um *thriller* cujas reviravoltas levam a uma leitura intensa até o fim.

SAIBA MAIS:

www.intrinseca.com.br/livro/1163